

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
29 de Novembro de 2023
COM A LINHA DE SOMBRA

NHA FALA / 2002 Nha Fala – A Minha Voz

Um filme de Flora Gomes

Argumento: Flora Gomes, Franck Moissard / *Diretor de fotografia (35 mm, cor):* Edgar Moura / *Cenários:* Véronique Sacrez / *Figurinos:* Rosário Moreira, Virgínia Vogwill / *Música:* Manu Dibango / *Coreografia:* Clara Andermatt, Max-Laure Bourjolly, Feliz Lozano / *Montagem:* Dominique Pâris / *Som (Dolby):* Fred Demolder (montagem), Pierre Donnadieu (misturas) / *Interpretação:* Fatou N'Daye (Vita), Jean-Christophe Dollé (Pierre), Ângelo Torres (Yano), Bia Gomes (a mãe de Vita), Jorge Quintino Blçague (Mito, o louco), Carlos Imbombo (Caminho), François-Hadji-Lazaro (Bjorn), Danièle Evenou (a mãe de Pierre), Bonnafet Tarbouriech (o pai de Pierre).

Produção: Fado Filmes (Lisboa), Les Films de Mai (Paris), Samsa Film (Luxemburgo) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, versão original com legendas em português / *Duração:* 89 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Veneza, 30 de Agosto de 2002 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinemas São Jorge, Monumental e Corte Inglês), 25 de Maio de 2003 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 31 de Maio de 2016, no âmbito do ciclo “São Todos Musicais”.

Sessão apresentada por LIVIA APA

A propósito da sua bela curta-metragem **Ouagadougou, Ouaga Deux Roues** (1985), Idrissa Ouedraogo lembrou que há uma “*África que chora e uma África que ri*”, pois o seu filme é uma das raras expressões cinematográficas da África que ri. Mas como não há produção cinematográfica africana sem pelo menos um co-produtor europeu (veja-se no genérico de início de **Nha Fala** o número de instituições europeias que deu algum contributo financeiro ao filme), costuma-se preferir as desgraças, os “*filmes da cabaça*” e, quando há mais dinheiro, a representação de antigos mitos. Ainda hoje, os filmes sobre a vida diária urbana e sobre relações pessoais são raros em África. Neste sentido, Flora Gomes realizou uma bela exceção do cinema africano, **Os Olhos Azuis de Yonta**, um filme interiorizado, sutil e nada “exótico”. Com **Nha Fala**, o realizador guineense lançou-se na aventura do género “que ri” por excelência, o musical, num gesto quase sem precedentes em África. Note-se que o filme foi feito em Cabo Verde (talvez houvesse ali cenários mais adequados a um filme musical do que na Guiné-Bissau) e é falado no crioulo local, o *kabuverdianu*. A este propósito, Flora Gomes declarou que “*os dois países têm um passado colonial comum e a mesma língua o crioulo*” (também tiveram o mesmo movimento de libertação nacional, mas os caminhos divergiram quando se obteve a independência), acrescentando: “*No Mindelo, senti-me em casa. Sou também um cineasta que não quer ficar preso ao seu próprio mundo. Foi uma experiência enriquecedora fazer um filme numa outra África, fora do meu próprio país*”. A protagonista é franco-senegalesa e tinha uma pequena experiência como atriz e desde então fez carreira, sobretudo na televisão. A música foi confiada a Manu Dibango, talvez o músico africano mais conhecido internacionalmente. O músico, que já tinha experiência em diversas longas-metragens (entre os quais **Forty Deuce**, de Paul Morrissey e **Ceddo**, de Ousmane Sembène) conheceu Flora Gomes durante um concerto na Guiné-Bissau. Para ele, o maior desafio foi a língua: “*Não tinha nenhum conhecimento das línguas lusófonas e o filme é em crioulo português. Tive de descobrir o ambiente lusófono e compreender o seu meio cultural, porque a música se baseia nas cadências da língua. Primeiro, encontrei-me com músicos lusófonos para encontrar tonalidades de voz para cada um dos personagens. Depois aprendi os diálogos e, à noite, procurei uma música que estivesse em harmonia com todos estes elementos*”.

Na nota de intenções do filme, Flora Gomes especifica que o título significa ao mesmo tempo *a minha voz, o meu destino, a minha vida e o meu caminho*. E, de fato, é de tudo isto que se trata, pois pelo facto de ser um musical **Nha Fala** pode ter a mais completa liberdade narrativa e a aventura individual de Vita também é uma espécie de parábola sobre a África e a sua dualidade entre tradição e modernidade. A identidade cultural africana, dividida entre o Norte e o Sul, a Europa e a África, o moderno e o tradicional, é o verdadeiro tema deste filme. O busto de Amílcar Cabral, mártir da luta anti-colonial (a quem o filme é inclusive dedicado), com o qual as pessoas não sabem o que fazer e que carregam de um lado para o outro durante todo o filme (é só no plano final que o põem num pedestal, num tardio gesto conciliador, cujo significado é ambíguo) é a representação mais clara de que os ideais da era da luta anti-colonial passaram a ser uns estorvos num mundo regido pelos negócios, a especulação e o novo-riquismo. Sabendo que um antigo tabu paira sobre ela, a protagonista vem para uma das grandes capitais da Europa, onde se integra de uma maneira harmoniosa, como só pode acontecer num filme musical. O elíptico *raccord* entre a festa de despedida na Guiné e a dança dos vizinhos num pátio parisiense mostra que, em Bissau ou em Paris, Vita vive num mundo irreal, o mundo dos filmes musicais. O conto de fadas continua com o namoro perfeito com um músico francês, cujos pais aceitam a negra com uma espontaneidade total. Mas este interlúdio francês tem a função de preparar a terceira parte do filme, em que a protagonista, depois de violar espontaneamente o tabu que a proíbe de cantar, quando tem uma voz esplêndida e muito talento, tem de enfrentar as consequências desta infração às regras, ao *destino*. E a sua maneira de enfrentá-las é dessacralizar a tradição, morrer simbolicamente (ou seja, não morrer verdadeiramente, fingir que morre, pois nada é mais fácil do que aldrabar uma regra religiosa) para continuar a viver. Ou como notou Étienne Ballerini em *Jeune Cinéma*, o filme mostra que é possível “fazer com que as tradições subsistam, adaptando-as”, o que permitirá a Vita “não ficar em contradição com as suas origens, mas também construir a sua vida e a sua felicidade”. Ou como escreveu o psicanalista Y. Kaufmant, numas notas sobre o Festival de Ouagadougou de 2003: a heroína de **Nha Fala** vence a maldição da tradição, porque “sabe utilizar o Simbólico de maneira sutil e convencer o próximo. Pode-se viver quando se ousa... aceitar morrer”

Flora Gomes adota as principais convenções do filme musical, num *parti pris* inteligente e semelhante ao do seu personagem, que pela sua atitude abole o conflito entre tradição e modernidade, que está no âmago da identidade cultural africana hoje (a conciliação de opostos tem mais um exemplo no funeral do vizinho, que “era um católico que sabia a Bíblia de cor”, mas também era “um bom animista” e por isso o seu funeral mistura elementos rituais cristãos e animistas). Enquanto vemos pormenores cómicos (os caixões em forma de peixes ou de automóveis) ou reveladores de duras condições sociais (a carne assada, que é tomada de assalto), canta-se nas situações mais “impossíveis”, mas que são perfeitamente naturais num filme musical: na rua, numa discussão com os empregados, a trabalhar, jamais num palco ou num espetáculo. Não há solos vocais, melodias que se destaquem, canções inseridas no conjunto. A ideia é fazer da música um modo de expressão coletivo. Isto torna mais eficaz e pungente o momento em que Vita, sozinha num balcão parisiense, cantarola para ela própria, no único solo vocal do filme, transgredindo involuntariamente o tabu, a regra absurda e intocável. As sequências dançadas são coreografadas para dar a impressão que não o são e conservarem um tom espontâneo, de festa e não de espetáculo. Flora Gomes atingiu o seu objetivo, pois realizou um espetáculo aprazível, que também contém uma reflexão sobre a própria identidade cultural africana.

Antonio Rodrigues